**VISÃO PRIMITIVA DO MUNDO – NATUREZA, ESPELHO DO HOMEM.**

ANTONIO CARLOS DE FARIA SILVA[[1]](#footnote-2)\*

Diante da natureza o homem sempre sente admiração, e procura uma explicação para os seus fenômenos. Diante da natureza o homem também sente impotência e procura dominá-la. As primeiras explicações e os primeiros esforços no sentido de dominar a natureza foram de ordem animista e mitológica.

O mito, entre os povos primitivos, é uma forma de se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza. É um modo ingênuo, fantasioso, anterior a toda reflexão e não-crítico de estabelecer algumas verdades que não só explicam parte dos fenômenos naturais ou mesmo a construção cultural, mas que dão, também, as formas da ação humana. Devemos salientar, entretanto, que, não sendo teórica, a verdade do mito não obedece a lógica nem da verdade empírica, nem da verdade científica. É verdade intuída, que não necessita de provas para ser aceita.

**O Animismo[[2]](#footnote-3)**

É a tendência a ver e a projetar na natureza o que o homem experimenta em si mesmo. Inclui sempre um sentimento de participação, de simpatia e de comunhão com a natureza, oriundo, da convicção profunda de uma fonte entre ambos: a divindade ou o ser supremo. Manifesta o eterno desejo do homem de explicar o universo, de compreendê-lo e de apropriar-se dele. É a mesma tendência que se manifesta na ciência e na técnica, porém, de modo diferente.

**O Mito[[3]](#footnote-4)**

É a forma social e explicativa para essa mentalidade animista ou para a visão primitiva do cosmo, com o qual o homem está em comunhão, em relação antropomórfica. Nas diversas mitologias vamos encontrar temas, personalizando, divinizando os elementos e as forças do universo (céu, terra, mar, sol, lua, raios, maremotos, terremotos, trovões, etc.). Em tudo isso há a relação especial com o homem, que da a natureza expressões, gestos e sentidos humanos ou divinos.

**Rito Mágico[[4]](#footnote-5)**

A expressão prática e religiosa do animismo e do mito é o rito mágico. A magia tem o desejo e a força de atuar sobre a natureza e de utilizar suas forças de um modo interesseiro. Pode ser usada para o bem[[5]](#footnote-6) ou para o mal[[6]](#footnote-7). Quando se usa para o mal é comumente denominada de magia negra. É o modo de o homem primitivo dominar a natureza, como o homem atual o faz pela ciência e pela técnica.

É, no fundo, a mesma dialética de forças (forças que se chocam). Nesse sentido pode-se afirmar que “O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível”. (TERRIN, p. 19, 2004)

A magia explora o sentimento e a convicção animista para descobrir os segredos da natureza, a fim de agir nela, apropriando-se dela no pensamento e nos gestos e assim situar-se numa posição privilegiada com respeito a mesma. Os ritos mágicos estabelecem, de certa maneira, uma espécie de curto circuito entre o homem e a natureza, no processo de apropriação, fazendo do corpo humano o instrumento desta ligação e participação cósmica e fazendo da linguagem e dos gestos uma significação misteriosa. Por isso o caráter ritual e verbal da explicação mística e animista da natureza. Isso se encontra nos primórdios de todas as civilizações e culturas.

Assim, dizemos que o rito do Bar Mitzwah é o rito que faz com que o menino se torne homem, no judaísmo, assim como no cristianismo o rito do batismo faz da criança um cristão. Trata-se, pois, de ações rituais realizadas no seio de uma religião ou de uma cultura e reconhecidas como tais, que se no tempo e no espaço. Trata-se de ações que são diferentes das ações da vida ordinária e se distinguem do comportamento comum. (TERRIN, 2004, p. 20).

A Bíblia faz referência clara a isso quando diz que Adão deu nome a todas as criaturas: o dar nome significa o domínio sobre elas. Essa mentalidade generalizada e dominante nos povos primitivas encontra-se também na cultura atual, como por exemplo, na procura de orações fortes, de despachos e de ritos mágicos, que dispensam uma ação pessoal mais eficaz. A linguagem dos mitos e das ciências são linguagens diferentes, mas com a mesma finalidade, explicar e dominar a natureza. A linguagem científica baseada nas experiências, nas leis da natureza e na razão humana. A linguagem dos mitos é baseada na imaginação, nos sentimentos e na ligação íntima do homem com a natureza. A linguagem se aproxima mais da linguagem mitológica que da linguagem cientifica.

Estou convencido de que tão forte é a necessidade do rito para o viver factual do homem no mundo, quanto transcendentais são a força e a dinâmica que o rito libera, não por uma simbólica secundária e ligada toda vez aos conteúdos, mas por uma simbólica original que se manifesta lá onde o rito traduz inevitavelmente a relação com o mundo. A consciência de si se constrói em torno do corpo e em relação com o mundo. Somente essas pré-condições abrem o caminho às possibilidades de ligar a ação à existência no mundo (TERRIN, 2004, p. 169).

Em ambas, porem, se busca sempre uma causalidade, a inteligibilidade do real, seja por um rito de comunhão antropomórfica, seja pela técnica que dominar as leis da natureza. Na linguagem filosófica, muitas vezes, o animismo, é chamado de pampsiquismo, de panteísmo ou de monismo hilozoísta, conforme cada caso.

**II - GNOSIOLOGIA**

**A verdade e o mito**

A verdade não é capacitada apenas pela razão, mas, além das influências internas e externas que a razão ou a inteligência sofre na capitação, esta pode ser capitada por outras faculdades, que geralmente são chamadas irracionais. É verdade que estas faculdades estão também condicionadas e influenciadas pela razão ou pela inteligência. A filosofia contemporânea e, principalmente, a existencialista, desenvolveu gnosiologia do irracional.

**Definição do mito**

Etimologicamente mito vem do grego “müthos” = mito – palavra, narração, discurso. Vulgarmente mito é sinônimo de lenda, de fábula e de narração imaginativa e irreal. Mas não podemos conceber o mito com desprezo, como coisa falsa e desprovida de sentido. Antes, o mito é um conhecimento profundamente humano que procura dar respostas de uso não racional e lógico, mas imaginativo à curiosidade humana a respeito de suas perguntas mais fundamentais. Por isso o mito é considerado como uma das raízes de toda cultura, como uma espécie de pré-filosofia de pré-ciência e como uma força gnosiológica do homem, muito potente e criativo. É um testemunho do espírito e da criatividade popular. Não depende de época, mas pode existir em todas as épocas como uma concepção do universo, da sociedade e dos problemas humanos. Os primeiros mitos foram orais e só posteriormente passaram para, literatura, como por exemplo: os mitos gregos da Ilíada e da Odisséia de Homero.

**Espécie de mito**

O mito pode ser: natural - que procura os fenômenos da natureza; cultural - quando versa sobre a formação e o desenvolvimento da cultura humana; religioso - ligado aos deuses, demiurgos e espíritos relacionados com a divindade. Os mitos podem ser classificados ainda em: lendas dos tempos primitivos – sobre os heróis e os deuses; imagens e alegorias – que traduzem, expressam e explica as relações existentes no universo ou na vida humana; na vida cultural dos povos como compreensão da vida, de seus mistérios e problemas, como uma, cosmo visão geral, desenvolvida, de um modo não lógico e racional, mas gráfico e intuitivo, geralmente de um modo personificado.

**Valorização do mito**

Geralmente o mito foi desprezado pelos primeiros filósofos e, principalmente, pelo racionalismo e positivismo. Para eles o mi to é coisa de ignorantes e de primitivismo que encerra falsidades e lendas obscuras e sem sentido. O Romantismo reagiu contra essa concepção negativa sobre o mito, dando-lhe grande' valor não só literário, mas também como uma representação alegórica e simbólica dos problemas mais profundos que o homem não consegue expressar e traduzir com a linguagem racional e lógica. Também valorizaram o mito, os voluntaristas, principalmente Nietzsche e Freud e, mais ainda, os existencialistas, que consideram o mito como uma verdadeira metafísica que penetra no fundo, na essência das coisas. Para estas correntes filosóficas o valor do mito está no conhecimento meta-empírica, na ordem da exemplaridade, profundamente enraizada no destino humano. O mito, portanto, não é mais historia ou narração de fatos reais, mas uma historia com significado profundo que procura dar respostas às indagações humanas, que escapam à via racional e lógica. Por isso, o mito é metodológico e sistematicamente oposto à ciência, de modo racional. Não é obra da razão, mas das forças irracionais e espontâneas do homem, com profunda influência na Gnosiologia, principalmente pela imaginação, sentido e afetividade. O mito está na origem de todas as culturas, acompanha o seu desenvolvimento histórico e ilumina seus objetivos. Em certos momentos supremos, a razão não pode expressar a totalidade dinâmica e vivenciada de certos aspectos humanos e cósmicos e o homem procura uma expressão extra-reacional, original, alógica, mas real no mito. Não se trata de nada falso, mas de algo que supera a capacidade de expressão da razão para ser expresso numa linguagem diferente, às vezes, até sublime. Por isso acreditamos que as culturas mágicas estão mais perto de uma reta interpretação do mito que as culturas apolíneas e fáusticas, já que o mágico e o mítico são afins. Contudo, na Grécia Apolínea e no Oriente Fáustico pulularam e pululam os mitos, e a mitologia do homem da época tecnológica continua tão delirante como da época primitiva. É que o mito o acompanha em todas as suas épocas, como um complexo inteligível e imaginário, que encerra uma lógica de irracionalidade. O mito não é história, mas está na origem de toda a história, não é simples ficção nem novela, mas cai sob o controle criador da imaginação. O mito, não é um sonho, mas não coincide exatamente com a realidade, não é poesia pura, mas não deixa de ser poético, porque a poesia é uma das expressões mais ricas das grandes realidades humanas e sobre-humanas. O mito é primordialmente uma, cosmo visão, nascida de uma atitude do homem diante do cosmos ou de si mesmo como mistério profundo, que escapa à sua compreensão racional.

**O mito e a Filosofia**

Não cremos que estão muito separados o mito e a filosofia. Apesar de se considerar normalmente o mito como uma filosofia ou de considerá-lo como um estágio anterior a pré-filosofia, como na célebre classificação de Comte, o mito continua presente na filosofia. Podemos, portanto, dizer que existe um grande parentesco entre o mito e a filosofia, pois o mito é antes de tudo uma expressão de concepções cosmológicas, antropológicas e teológicas, como é também a filosofia em outro nível. A esse respeito se colocam alguns problemas como: Será que nasceu a Filosofia da Mitologia? Ou são irmãs que continuam juntas na humanidade? A Filosofia se tornou racional ao desprender-se do mito? Que elementos mitológicos continuam existindo nas filosofias e até nas ciências? Estas perguntas são muito atuais dentro da concepção contemporânea do mito, chegando mesmo, com os existencialistas, à identificação do mito com a metafísica, a alma é ponto culminante de toda filosofia.

**Interpretação do mito**

Há dificuldades de se interpretar o mito, principalmente porque estamos habituados às verdades lógicas e racionais. Alguns autores chegam mesmo a afirmar que o mito é gnosiologicamente e irremediavelmente confuso e equívoco. Aqui colocamos as seguintes perguntas: Tem a mitologia uma estrutura homogênea, oculta em um módulo comum de interpretação, válido para todas as mitologias, ou cada mitologia, tem a sua chave própria de interpretação? O mito é um sinal e uma expressão, mas este sinal e esta expressão podem ser interpretados por todos? Qual é a possibilidade gnosiológica da verdade do mito? Para responder e clarear toda esta problematicidade a respeito da interpretação do mito veremos, as diversas correntes ou sistemas de interpretação: do mito.

Sistema de investigação e interpretação do mito

I - Mito-Literatura

a) Tautológica ou Literal

b) Alegórica

c) Simbólica

II - Mito-Vida

a)Fenomenológica

b)Psicanalítica

c)Existencialista

I - Mito Literatura ou Discurso- Procura a explicação do mito de acordo com a lógica e com a razão.

a) Corrente Tautológica ou Literal:

A corrente tautológica ou literal encara o mito na sua aparência externa ou num discurso convencional. O mito diz apenas o que está na palavra e a sua interpretação è a interpretação literária de seus ternos, por isso, se chama tautológica, ou seja, o mito diz o que diz. Foi desta corrente, Platão (427 – 347 a.C.), Fontnelle (1657 - 1757).

b)Corrente Alegórica:

A corrente alegórica busca no mito a verdade velada ou dissimulada. Afirma que no mito devemos distingui dois planos: o literal ou aparente – que é incoerente inaceitável e falso; e o Profundo ou Latente – que é serio inelegível e verdadeiro. A corrente alegórica busca o sentido do mito fora do mesmo. O mito é um enigma que se deve decifrar. A grande dificuldade desta corrente é que se cai num subjetivismo, já que cada um pode interpretar o mito conforme as suas alegorias. São desta corrente P1atão (Mito da Caverna), Ernesto Renan (1823-1892), (1808-1874), Rudo1f Bu1tmann (1884).

c) Corrente Simbólica:

Vê no mito um símbolo ou um sinal de uma verdade profunda. O mito é sempre a expressão e a defesa ou o véu que envolve o mistério. Interpretar o mito é desvendá-lo. O sentido do mito se deve buscar fora dele, mas através dele. O símbolo è sempre uma aproximação da verdade, que nos dá uma opinião verdadeira, mas não verdade total e pura. Quem seguiu a corrente simbólica foi Frederico Nietzsche (1844-1900), Kierkegaard.

II - Mito vida. - existência - comportamento - Esta corrente vê no mito a expressão das verdades, entranhadas na parte irracional, do homem, nas forças vi tais.

a) Corrente Fenomenológica

Pode assumir o aspecto fenomenológico, que se apóia na mentalidade mítica e vital, presente em todos os homens. O mito é a expressão verbal dessa mentalidade vital. Defendem esta corrente: Lucien Lévy-Bruhl (1857-1939), Ernesto Cassirer (1874-1945), Mirceau Eliade.

b) Psicanalítica

O mito é a expressão das forças irracionais, profundas, como o afeto, o sentimento, a passionalidade que são por sua vez expressões da força instintiva do sexo. O mito é muito parecido com os sonhos e em ambos se manifesta o inconsciente vital do homem: Sigmund Freud (1856-1939)

c) Corrente Existencialista

O mito é um modo de expressar a verdade original do ser. O mito é a revelação do ser que expressa o fundo real do homem no mundo e sua contínua transcendência. O mito é uma espécie de metafísica, é a metafísica primeira. E a metafísica racional, e a metafísica segunda ou uma mitologia crítica. Heidegger (1889-1976); Kal Jasper (1883-1969); Paul Ricoeur (1913).

**Observações gerais sobre o mito**

1) O mito é a fé do povo sobre os grandes problemas do homem: Natureza (cosmos), Vida, Sociedade, Relacionamento, Religião, Morte e Deus. Está na infância da humanidade, mas persiste sempre na história, mesmo nas culturas mais avançadas e técnicas. É dogmático e não discursivo e interessa entranhavelmente ao homem. Em certo sentido é a primeira resposta teológica as grandes perguntas do homem, sobre os seus problemas mais profundos. Aristóteles chama os mitólogos de: Teologizantes.

2) Não podemos, pois, admitir simplesmente a noção vulgar de mito, como falso vazio ilusório, sem interesse gnosiológico a não ser literário e imaginativo. O mito é algo muito importante e sempre presente na vida do homem. Mesmo na vida rotineira e cotidiana estamos cheios de mitos.

3) O mito é, pois, sem dúvida, uma forma de conhecimento humano. Forma importante, tanto por sua universalidade como pelo seu conteúdo. É um conhecimento verdadeiro, mas de interpretação. Sua interpretação é cheia de subjetividade e possui uma aplicação quase infinita, mas sempre muito profunda. Vai ao fundo da vida e dos problemas. É uma autentica linguagem humana, direta e espontânea.

4) O mito nasce de uma admiração, de uma grandiosidade, de um mistério ou verdade muito profunda, superior à razão e à linguagem lógica. Daí a dificuldade de expressá-lo com a linguagem convencional. A linguagem lógica e racional nem sempre consegue expressar com propriedade os mais profundos problemas humanos. Os esquemas racionais, as, estruturas lógicas do pensamento e da linguagem são: inexpressíveis e insuficientes para abordá-los. Então se lança mão de expressões alógicas, fantásticas e imaginativas, às vezes violentas e caricaturais, como expressões até contraditórias aparentemente, para desvendar e comunicar o mistério, fundamental. A linguagem entra mais na linha da imagem do que conceito, mais da intuição do que da ciência.

5) Mas não está o mito isento de ignorância e do medo, que estão sempre presentes na vida humana, mesmo nas culturas mais avançadas, sejam elas apolíneas, fáusticas ou técnicas. Estão mais presentes ainda nas culturas mágicas. O mito quase sempre nasce da ignorância e do medo e o avanço das ciências e da técnica não só suprimiram, mas ate os aumentaram.

6) O mito é um tipo de conhecimento e de linguagem que se aproxima mais do metafísico e do teológico. Os existencialistas afirmam que o mito é a. melhor maneira para se conhecer a essência, o fundo das coisas e do ser. O mito é uma explicação gnosiológica do divino, sempre presente nas entranhas do mito, porque está presente na profundeza do homem.

7) A ciência e a técnica fecharam a porta para muitos tipos de mitos, mas abriram para outros tipos. Não acabaram com a fascinação do mito e do desconhecido e misterioso sobre o homem.

8) O mito é sempre expressão de uma cultura. Expressa as interpretações alegóricas de um gravíssimo problema de estrutura profunda, e ainda velada à razão e à consciência clara e inteligível do homem. Por isso os mitos de uma cultura mágica são sempre diferentes dos mitos de uma cultura apolínea, fáustica ou técnica. Os mitos hindus e os orientais, em geral, são muito diferentes dos mitos do ocidente. Os mitos dos povos primitivos estão em outro nível, diferente dos mitos dos povos adiantados. Por isso, a reta interpretação dos mitos deve levar sempre em consideração, os esquemas psicológicos, sociais e idiomáticos da cultura em que nasceram. É impossível interpretar o verdadeiro conteúdo de um mito determinado e nascido numa cultura, com os pontos de vista alheios e estranhos a essa cultura. Além disso, nenhuma interpretação esgota o mito e pode apresentar-se como absoluta e única.

9) São muito importantes os mitos históricos de personagens ou fatos que, com o passar do tempo, vão sendo envoltos com a aura de heroísmo e de grandeza majestática. São as lendas, as gestas que dão sublimidade e estimulam as gerações futuras com sentimentos de patriotismo, de honra e de glória. A história está sempre plena de mitos.

Antropologicamente o homem sempre expressou de diversas maneiras, sua dimensão religiosa, envolto no mistério.

Podemos afirmar, no sentido lato, que em todas as culturas teve sua liturgia: atos para expressar as grandes questões existenciais.

É difícil estabelecer antropologicamente a delimitação entre o mito e a liturgia. Tanto na liturgia como no mito a dimensão fantástica está presente. Assim como a linguagem simbólica.

JAPIASSÚ, Hilton. Dicionário básico de filosofia / Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

TERRIN, Aldo Natale. O Rito: Antropologia e fenomenologia da ritualidade. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

1. \* Doutor em práticas educacionais, Mestre em ciências da educação, Professor de Ciências da Religião da Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína Estado do Tocantins. [↑](#footnote-ref-2)
2. Concepção que consiste em atribuir alma às coisas. Em outras palavras, crença segundo a qual a natureza é regida por almas ou espírito análogos à vontade humana. (JAPIASSÚ, p. 11, 1996) [↑](#footnote-ref-3)
3. Narrativa lendária, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobre natural, ao divino e ao misterioso, a origem do universo, o funcionamento da natureza e a origem e os valores básicos do próprio povo. (JAPIASSÚ, p. 183, 1996) [↑](#footnote-ref-4)
4. Crença animista na possibilidade de influenciar os espíritos que habitam o mundo natural. Poder que certos indivíduos excepcionais possuiriam de intervir nos processos naturais através de encantamentos, ritos, porções, talismã etc. (JAPIASSÚ, p. 170, 1996) [↑](#footnote-ref-5)
5. A *magia branca* seria o uso desse poder para influenciar os espíritos e a natureza de modo a fazer o bem, curar doenças, impedir desgraças etc. (JAPIASSÚ, p. 170, 1996) [↑](#footnote-ref-6)
6. A *magia negra*, por sua vez, seria o poder de influenciar os espíritos e a natureza de modo a realizar malefícios, causar danos ao inimigo etc. (JAPIASSÚ, p. 170, 1996) [↑](#footnote-ref-7)